



DOCUMENTÁRIO

A favor do tempo

AOS 83 ANOS, O ARGENTINO MARTÍN PUEYRREDON SE EMBRENHA EM UMA NOVA AVENTURA DE BIKE NA ALTITUDE, DESAFIANDO O RELÓGIO, A LÓGICA E OS CONSELHOS PARA NÃO SE ARRISCAR

Por **Bruno Romano**

MARTÍN DESABA de joelhos sobre os trilhos do trem. Ao cair, se dissolve em prantos. Entre as lágrimas salgadas de suor e alívio, ele agradece pela saúde e pela força de vontade que o levaram a completar mais uma aventura de bike. A seu lado, o grande companheiro de viagens Mariano Petroni também não consegue conter o choro. A dupla está a mais de 4.000 metros de altitude, sobre o viaduto La Polvorilla, um emblemático ponto de passagem do “trem das nuvens”. Esse famoso roteiro turístico argentino envolve um antigo sistema de trilhos cortando o norte do país, na altura da província de Salta. O trem costuma ser o meio de transporte mais comum até ali, mas para Martín e Mariano esse é o ponto final de uma jornada heroica sobre duas rodas – ainda mais se lembrarmos de que estamos falando de dois jovens septuagenários.

Isso tudo se passou há 12 anos. Recentemente, Agora, Martín, que perdeu há pouco tempo seu parceiro de pedal, morto de forma súbita, se dispôs a voltar à La Polvorilla. Por quê? Para completar uma nova grande aventura em homenagem ao amigo. Desta vez, sozinho. Ou melhor,

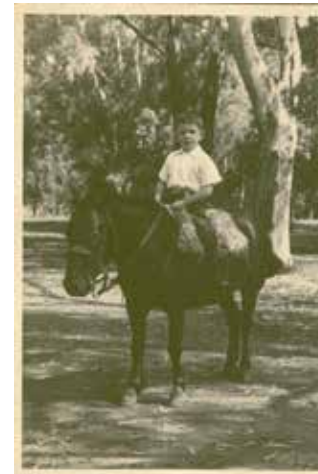
com sua bike. Ah, e já para lá da casa dos 80 anos de idade.

Provavelmente, a tocante e inspiradora história de velhos camaradas pedalando juntos passasse totalmente despercebida, não fosse o documentário independente *Plan C-14*, lançado em 2014, nove anos após o feito e celebrado em vários festivais pelo mundo, como o tradicional Banff, no Canadá (o filme está disponível, grátis e na íntegra, no Vimeo). A mesma trupe que idealizou o primeiro documentário, liderada pelo diretor argentino Nicolas Muñoz, finaliza agora sua sequência, o *Plan C-14 II*, em alusão ao nome do mesmo ramal de trem que uniu, há mais de uma década, duas trajetórias de vida em um único destino.

“Martín segue com o mesmo espírito de sempre”, conta Nicolas, o “Nico”, que conheceu Tadeo Pueyrredon, filho do nosso “herói”, em uma viagem de mochilão pela América do Sul, em 1998. Desde então, ele tem se aproximado e interagido cada vez mais com a família. “A fome de viajar desse senhor surpreendente está intacta, e isso se reflete em todo o resto”, completa o diretor, que já captou a nova investida, focando nos treinos, na

JOVEM AOS 80: Martín pedala na Quebrada del Toro rumo ao viaduto La Polvorilla, dentro da província argentina de Salta, no fim de 2016

UMA VIDA AO AR LIVRE: Recordações do nosso “herói” no rancho de família La Idalina; registros de visitas na década de 1960 ao Parque Nacional Yosemite (EUA), a Porto Rico, ao lado de dois locais, e às montanhas de Sierra Nevada, na Califórnia (EUA), estado por onde também navegava com sua canoa Klepper



“MARTÍN SEGUE COM O MESMO ESPÍRITO DE SEMPRE. SUA FOME DE VIAJAR ESTÁ INTACTA, E ISSO SE REFLETE EM TODO O RESTO”, DIZ NICOLAS MUÑOZ

preparação da viagem e na rotina atual de Martín, que sofreu outra enorme perda em 2016, a da sua mulher e companheira de 52 anos de casamento, Ercilia.

É claro que os anos se passaram e o peso das pedaladas aumentou do plano C-14 I ao II, proporcionalmente à incerteza de sucesso. Isso quer dizer que, em alguns dias, Martín era capaz de girar sua magrela como um menino. Em outros, avançava pouco, segundo Nico. “As mudanças em Martín são apenas superficiais, elas não alteraram em nada a sua essência”, diz o filho Tadeo, que dessa vez acompanhou mais de perto o processo do pai durante o novo desafio. “Ele é um lutador, um soldado que tenta de todas as formas ajudar os outros, fazendo amigos por onde passa. Ainda tenho muito a crescer com o meu pai”, conta. Martín também está certo de que ainda há muito o que viver, ensinar e, claro, aprender.

O terceiro de seis irmãos de uma família do campo tinha uma visão um pouco diferente sobre aventuras de infância. Na época, descobrir o desconhecido envolvia cavalos, longas jornadas pelo mato e todo o tipo de história que ouvia no pedaço, misturadas a relatos em livros e filmes, que enchem sua imaginação de terra fértil. Desde cedo, era comum o garoto sair para cavalgar enormes distâncias rumo à estância dos bisavós. Centenas de quilômetros eram percorridos na companhia de parentes e, algumas vezes, até em solitário, parando em vilarejos e ranchos pelo caminho. “Era uma aventura de verdade, e digo aventura pois eu saía com uma ideia em mente e nada mais”, lembra Martín. “Os acontecimentos iam se desenrolando à frente, e tudo ia se ajeitando. Eu simplesmente seguia confiante de que os problemas se resolveriam”, conta, sobre um modelo de viagem que ainda lhe é comum.

Rode a fita alguns anos para frente e lá está Martín comemorando a sorte com um bilhete de loteria. Com a parte que ganhou de um prêmio, investiu em um acordeão e um piano. Porém logo percebeu sua completa falta de dom para a música. Vendeu o instrumento e comprou equipamentos para trilha. Com uma nova mochila carregada, chegou pela primeira vez a Bariloche, em 1952 (esqueça toda a estrutura turística de hoje) e se descobriu de imediato. “Aquilo era o ideal para minha alma de aventureiro: tudo era novo, bastava seguir sonhando e aprendendo.”

Entre uma e outra expedição pelas montanhas argentinas, Martín se formou engenheiro. Na sequência, decidiu que precisava saber falar inglês e, com US\$ 200 no bolso e passagem só de ida, acabou pousando em Nova York (EUA). As aventuras da vida mudaram de figura. Em terras norte-americanas, ele vendia inseticidas



“É BOM SE RENOVAR. NO MEU DIA-A-DIA, ESTOU SEMPRE PENSANDO EM VIAGENS. E EM MINHAS VIAGENS ACABO PENSANDO NA MINHA VIDA EM CASA. TUDO SE COMPLEMENTA”

de baratas em bairros pobres. Trabalhou também como artesão, mensageiro em uma empresa de contabilidade e chegou até a ensinar equitação para crianças. Um dia, a sorte bateu na porta, e ele foi contratado por uma empresa argentina que lhe ofereceu tocar um projeto grande em sua terra natal. No meio desse caminho errante, conheceu Ercilia Moyano, a jovem cordobesa que seria sua mulher por mais de meio século.

Antes de juntarmos a incerta vida novaiorquina ao célebre momento na ponte Polvorilla, só mais um rápido flashback. De volta à Argentina, Martín ouviu um sonoro “sim” de Ercilia a seu pedido de casamento. Os dois partiram em uma segunda jornada rumo aos EUA, dessa vez incluindo um período de estudos na Universidade de Berkeley, na Califórnia, e trabalhos na área de engenharia. Durante nove anos por ali, o casal não perdia uma chance de escapar do concreto, entre aventuras de caiaque nos lagos de Sierra Nevada e no Oceano Pacífico, além de longos trekkings no verão e dias de esqui no inverno. Quando acharam

que era hora de voltar para a América do Sul, compraram terras na região de Villa Rosa Partido de Pilar, próxima a Buenos Aires, e aos poucos construíram uma nova vida, ao lado de dois filhos.

Naqueles tempos, Martín retomava seu contato com cavalos. Tirava sustento domando alguns animais e tomando conta de outros. Até que foi roubado e, em meio ao turbilhão de incertezas, decidiu, como que atendendo a um chamado esquecido, comprar uma bicicleta. Foi nessa época que pegou gosto pelas bikes e conheceu Mariano em um grupo de pedal local. A turma viajava frequentemente pela Argentina, e Martín foi se envolvendo cada vez mais, esticando as pedaladas para outros países da América do Sul e da Europa.

DE VOLTA A 2017, Martín reclama um pouco de dores no joelho. Entre um livro e outro que costuma devorar – narrativas de aventuras, temas espirituais e, sempre, algo sobre a Patagônia –, ele cumpre uma rotina de exercícios e alongamentos diários para minimizar os efeitos da idade. No

meio do dia, faz de tudo para tirar do papel seus novos planos de viagem. “É sempre bom largar um pouco da vida comum para se renovar”, ensina Martín, em uma das passagens mais íntimas de *Plan C-14*. “No meu dia a dia, estou sempre pensando em viagens. E em minhas viagens acabo pensando na minha vida em casa. Tudo se complementa”, reflete no filme.

Seu novo projeto é, de certa forma, um resgate (e também um tributo) à quase insana ideia de desbravar por trilhos de trem uma antiga ramificação argentina – dessa vez, no entanto, ele decidiu pedalar pelo mesmo caminho, mas do jeito normal. Lá atrás, Martín ficara instigado por uma notícia de uma pessoa que havia criado um sistema para pedalar sobre trilhos, usando um maquinário rudimentar que atrelava a estrutura da bike ao percurso metálico. Ele logo descobriu o inventor da geringonça, o engenheiro argentino Enrique Costilla, e se reuniu com outros companheiros de profissão para desenvolver a tal “bike-trem”. A ideia, compartilhada com Mariano, era ligar Campo Quijano ao Viaducto La Polvorilla, na Quebrada del Toro, uma das partes mais cênicas do “trem das nuvens”.

Como toda boa cilada, o plano original fracassou. Martín culpa atualmente os poucos testes de campo e a escolha pelo alumínio, que acabou não suportando o peso total das bagagens. “Vamos usar a lo-

AVENTURA SEM IDADE: Cenas de pedal, descanso, alongamento diário e bastidores da filmagem do documentário *Plan C-14 II*, recente escapada de Martín no norte da Argentina

gica: os trens são os trens, e as bicicletas são as bicicletas”, brincava, à época, Mariano, deixando claro que não havia mais o que fazer senão pedalar à moda tradicional. A aventura continuou, mesmo que isso tenha implicado cruzar rios com as bikes pesadas e encarar quilômetros de pedras soltas, sem estradas bem marcadas. “É natural e lógico que jovens façam coisas assim, mas não é tão lógico que dois velhos entrem nisso”, divertia-se Martín, durante a travessia, com seu típico humor sagaz e espirituoso.

As histórias de *Plan C-14* são mesmo instigantes e comoventes, transformando um suposto desastre em algo extremamente positivo. Porém o que motiva uma nova aventura é a triste despedida de Mariano. A ideia conjunta, do aventureiro agora octogenário e da equipe de filmagem, era voltar ao lugar onde tudo começou, conta Nicolas. “O que aprendemos com Mariano, que nos deixou quase sem aviso, é que a vida é fugaz e apenas nos resta sair e viver o quanto antes”, afirma Nico. “Não vou negar que, em muitos momentos, acabo caindo na real de que estávamos com uma pessoa de 83 anos fazendo algo que seria mais ‘normal’ para alguém de 30”, relata.

A capacidade de Martín de se adaptar – aquela mesma destreza das quebradas no mato na infância ou dos becos de Nova York na juventude – prova ser, a cada dia, sua característica mais forte. E, provavelmente, é o que o mantém vivo e cheio de gás. “Meu pai sempre me ensinou a curtir o sofrimento de uma caminhada morro acima antes de desfrutar da vista, de uma boa fogueira e de uma comida gostosa no fim do caminho”, conta Tadeo. Desde os 6 anos, ele começou a fazer parte da “bagaagem” de seu pai, junto da sua irmã Micaela, rumo ao cume de montanhas andinas (a própria chegada dos irmãos ao mundo, aliás, é prova da perseverança incondicional dos pais, já que Ercilia perdeu as três primeiras tentativas de gravidez, todas aos sete meses de gestação).



Acompanhar o ritmo de Martín em seu auge não era tarefa fácil. O meio de transporte mais corriqueiro rumo à próxima montanha era a carona. “Uma vez, no Chile, acabamos viajando na caçamba de um caminhão que levava peixe e cana. Eu me lembro até hoje do cheiro”, ri Tadeo. Mas o velho sabia equilibrar as coisas. Depois de vários dias de cansaço e privação de conforto, costumava vir uma recompensa – ao modo Martín, claro. “Em outra ocasião, fomos parar no melhor hotel de Cerro Cathedral, na Patagônia argentina, em um coquetel cheio de estrangeiros”, recorda Tadeo. “No meio do evento, meu pai me disse, expondo as regras do seu jogo: ‘O ‘senhor’ (ele me chama de senhor) vai ter que falar com pelo menos cinco pessoas que nunca viu na vida?’” Aos 10 anos de idade, o filho se desdobrava no inglês e na timidez. E aprendia todos os dias, em uma educação cheia de trocas e ensinamentos que parece se manter forte até hoje.

“Há um equilíbrio delicado quando você tem um pai com idade, entre cuidá-lo e deixá-lo em paz, para que siga sendo dono da própria vida”, analisa Tadeo. “Como filho, é claro que me preocupo com ele, para que não se corte, não caia ou não fique sem

oxigênio a 4.000 metros de altura, mas sei que não posso colocá-lo em uma caixa de cristal.” Para Nicolas, que trouxe a história pessoal de Martín para uma audiência bem maior do que a de sua família e seus amigos mais próximos, a ideia de filmar o aventureiro mais uma vez se mostrou simples e clara: inspirar outras pessoas a nunca desistirem de seguir adiante.

“Do fundo da minha alma, creio que esse novo documentário pode ser muito útil para as pessoas, digamos, dos 40 anos para cima”, diz Martín, sobre a nova investida nas “nuvens”. “Depois de tudo o que já vivi, ainda não sei exatamente como definir o que é uma aventura, mas sei que toda a minha vida tem sido repleta delas.”

A grande fortaleza de Martín, mais do que se adaptar aos tempos, parece ser manter a simplicidade, sempre fiel à sua completa negação em parar de se arriscar. Ele não está em busca de uma enorme jornada espiritual. Sequer se mostra realmente interessado em expandir os limites, revelam pessoas mais próximas. Esse serelepe senhor só embarcou em uma nova missão porque tinha vontade. E porque acreditava que era capaz de cumpri-la. Simples assim. [GO](#)